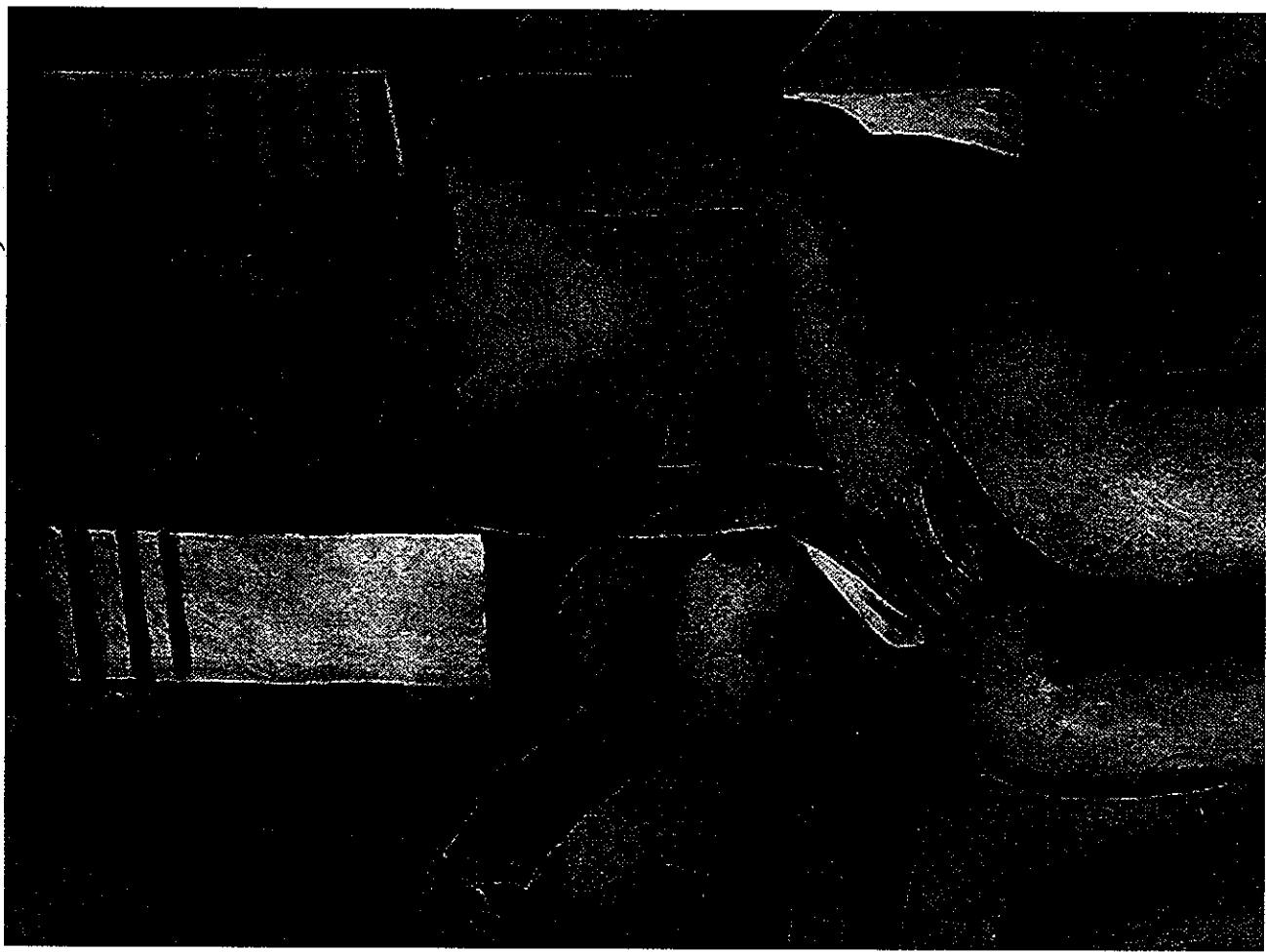


EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Ceres Gomes Víctora
Daniela Riva Knauth
Maria de Nazareth Agra Hassen

Uma introdução ao tema



EDUC

© das autoras
1ª edição: 2000

Direitos reservados desta edição:
Tomo Editorial Ltda.

Capa:
Roberto Silva

Imagem da capa:

Dois nus (1930, pintura a óleo sobre tela, 100 x 73 cm.
Acervo Museu Lasar Segall/IPTAN/Minc – São Paulo)
Lasar Segall, 1891 Vilna – 1957 São Paulo.

Cromo da imagem da capa:
Luis Hossaka

Diagramação:

Art & Layout – Assessoria e Produção Gráfica

Revisão Técnica:

Janie Kiszewski Pacheco

Revisão:

Moira

Impressão e acabamento:
Gráfica Pallotti

Apóio:

Fundação Ford e
Programa de Apoio a Grupos Interdisciplinares da UFRGS

Introduçã

Corpo, S

1.1 In

1.2 A

1.3 O

1.4 C

1.5 R

1.6 Es

1.7 C

1.8 Sa

Bibliogra

Bibliogra

Filosofia
da pesq

2.1 T

2.2 F

Bibliogr

Bibliogr

Bibliogr

Tomo Editorial Ltda.

Fone/fax: (51) 227.1021 E-mail: tomo@portoweb.com.br
Rua Demétrio Ribeiro, 525 CEP 90010-310 Porto Alegre/RS
ou Caixa Postal: 1029 Agência Central 90001-970 Porto Alegre/RS

3

Metodologias Qualitativa e Quantitativa

3.1 Introdução

O ponto de partida para a compreensão do que é conhecido como metodologia qualitativa de pesquisa está no entendimento de que uma metodologia é muito mais do que um conjunto de técnicas de pesquisa.

Conforme evidenciado no capítulo anterior, o mundo real não se apresenta como uma totalidade, mas como um *recorte* que fazemos da totalidade. Esse recorte é concebido a partir do ponto de vista de onde nos encontramos e dos pressupostos que trazemos consigo, o que nos possibilita experimentar e avaliar a totalidade no nosso cotidiano. No caso de um cientista que visa pesquisar uma realidade, além do ponto de vista e dos pressupostos, é necessário todo um instrumental que possibilite a pesquisa. Esse instrumental não é apenas material, mas também um conhecimento sobre como operar o material, o que perceber, o que fazer com os resultados, entre outras coisas. Um leigo que nunca observou uma lâmina num microscópio não consegue identificar nela qualquer elemento. Para que seja possível perceber os elementos contidos na lâmina e aplicar a eles qualquer sentido, é necessário, além de saber operar um microscópio, treinar o olhar para o que se “deve” ou “não deve” enxergar e, principalmente, dominar uma série de conceitos que dêem sentido à observação (Pelto e Pelto, 1987).

Assim sendo, pode-se afirmar que cada tipo de metodologia traz consigo um conjunto de pressupostos sobre a realidade, bem como um instrumental, composto por uma série de conceitos, pelo treinamento do olhar e por técnicas de observação da realidade.

Os pressupostos sobre a realidade são basicamente respostas para questões do tipo: como a realidade se organiza, quais as forças que a compõem, de que consiste o normal nessa realidade, que tipo de ser a habita. As respostas para essas e outras perguntas compõem uma *teoria* sobre

essa realidade, sendo que é sobre teorias que se estruturam as metodologias. É preciso ter uma concepção de totalidade para que possamos recortá-la e propor uma forma de entendê-la. Torna-se, portanto, fundamental que tenhamos claro que as metodologias estão inexoravelmente vinculadas a teorias sobre a realidade.

Quais são, então, os pressupostos da metodologia qualitativa de pesquisa? Qual a visão de realidade que está por trás de sua utilização? Em primeiro lugar, parte-se do reconhecimento de que o mundo real – embora possa-se argumentar que exista independentemente de qualquer coisa ou pessoa – só existe de fato, na medida em que nós tomamos parte dele e ele faz sentido para nós.

Um outro pressuposto é que a sociedade é constituída de microprocessos que, em seu conjunto, configuram as estruturas maciças, ou seja, a realidade social não é um todo unitário, mas uma multiplicidade de processos sociais que atuam simultaneamente, em temporalidades diferenciadas, compondo, esses sim, uma totalidade.

Com relação às forças que atuam na realidade social, pressupõe-se que as sociedades se movimentam a partir de forças da ação individual e grupal. Entretanto, há uma preponderância da ação grupal sobre a individual, na medida em que se entende que a sociedade não é apenas uma soma de indivíduos e, por conseguinte, a ação grupal não é uma soma de ações individuais (Hagquette, 1987). Como já visto nos primeiros capítulos desse livro, as perspectivas indicadas por Durkheim e Mauss fundamentam essa relação entre os indivíduos e a sociedade, em que os primeiros não apenas dividem o espaço social mas, principalmente, compartilham os significados relativos ao universo social em que coabitam.

É somente a partir desses pressupostos que podemos, por exemplo, reconhecer e então *recortar* alguns microprocessos e partir para investigá-los. A própria definição do que vem a ser um objeto de estudo também depende da definição de problemáticas de pesquisa baseadas nesses pressupostos. Importa salientar o lugar central ocupado pela definição de problemáticas de pesquisa na cadeia que vai dos pressupostos teóricos até os resultados de pesquisa. É o problema de pesquisa que completa a ligação entre um grupo de pressupostos que conformam uma teoria, de um lado, e os dados de pesquisa, do outro. Com relação a esta vinculação entre teoria, problema de pesquisa e dados de pesquisa, Bourdieu explica:

É somente em função de um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressuposições teóricas que um dado empírico qualquer pode funcionar como evidência (Bourdieu, 1989, p. 24).

Um exemplo que nos ajuda a visualizar essa correlação pode ser encontrado na pesquisa realizada por Gonçalves (1998), que trata da questão da adesão ao tratamento para tuberculose em Pelotas, RS. Tendo como pressuposto que a cultura de um grupo afeta as suas decisões sobre saúde, doença, medicalização, cura e morte, a pesquisadora constrói uma problemática de pesquisa que enfoca aspectos da cultura de um grupo de pessoas vinculadas ao Programa de Controle da Tuberculose – PCT – promovido pelo Ministério da Saúde e suas relações com a adesão ou não ao tratamento da doença. Gonçalves, partindo de pressupostos antropológicos relativos à forma de inserção no mundo cultural, opta por uma metodologia qualitativa de pesquisa que permite maior penetração do pesquisador no mundo dos pesquisados, obtendo assim dados que não se limitavam ao seguimento ou ao abandono formal conforme o cadastro do PCT, mas a um intrincado processo de aproximações e distanciamentos do tratamento para tuberculose a partir de diferenças de gênero, idade, expectativas e trajetórias sociais dos pacientes, entre outras coisas. Fica evidente nessa pesquisa que o dado relativo às formas diferentes de adesão ao tratamento só se constitui como evidência na medida em que se pressupõe que os “pacientes” são, acima de tudo, “agentes”, os quais podem fazer, e de fato fazem, uso diferenciado do tratamento proposto.

Além da correlação entre a teoria, a metodologia, a definição do problema e o tipo de dado obtido, é necessário evidenciar mais um aspecto nesse processo que é a escolha das formas de coleta de dados, ou seja, as técnicas de coleta de dados, as quais estão diretamente vinculadas ao tipo de dado coletado. No exemplo citado, a opção da antropóloga por técnicas do tipo observação participante, entrevistas em profundidade, seguimento de redes de relações e de trajetórias sociais, além do acompanhamento periódico e, por vezes, cotidiano dos pacientes, permitiu a ela o estabelecimento de correlações que não teriam sido possíveis com outras técnicas de pesquisa.

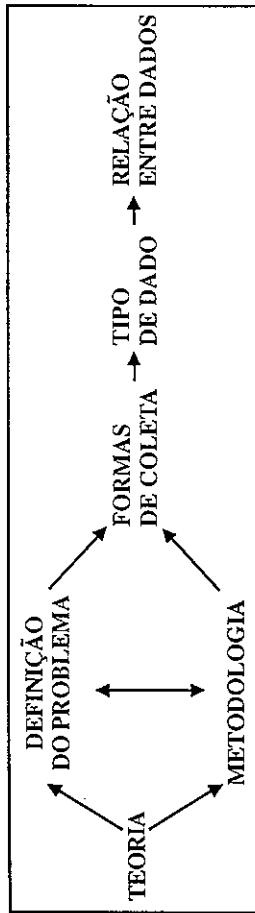
Pelto e Pelto (1987) propõem uma distinção entre metodologia e técnicas de pesquisa, definindo as técnicas como pertencentes à ordem dos pragmatismos da coleta primária de dados e a metodologia como relativa à “lógica açãonada” (*logic-in-use*) na seleção de determinadas técnicas de observação, no uso dos dados coletados e no estabelecimento de relações desses dados com as proposições teóricas. Os autores também sugerem, nesse sentido, que não é possível separar as técnicas de coleta de dados da “lógica-acionada”. De forma consistente, eles sugerem que os problemas práticos relativos ao uso de certas técnicas podem ser procurados junto ao exame da sua “lógica-acionada”.

Um último ponto, porém não menos importante, dessa cadeia que segue refere-se à relação entre os dados coletados, supondo que mais de um tipo de dado seja coletado, e que esses se encontrem vinculados a uma forma de coleta, ou mesmo informados por ela. É fundamental que um projeto de pesqui-

sa qualitativa reconheça as diferenças na fase de análise e interpretação dos mesmos. Nas pesquisas antropológicas, é comum a utilização de dados históricos, jornalísticos, populacionais – coletados com base em outras metodologias – e dados etnográficos – coletados pelo próprio pesquisador e que ajudam a compor o quadro das informações a serem analisadas. Entretanto, não se pode deixar de trabalhar a relação entre os dados que, por serem de natureza diferente, obviamente não podem ser comparados de forma direta.

Completando, então, a cadeia de referência exposta nesses comentários gerais, é possível montar o seguinte esquema de vinculações que não pode ser esquecido por um pesquisador, sob pena de anular a validade de sua investigação:

Completando, então, a cadeia de referência exposta nesses comentários gerais, é possível montar o seguinte esquema de vinculações que não pode ser esquecido por um pesquisador, sob pena de anular a validade de sua investigação:



O esquema apresentado visa demonstrar graficamente a cadeia de referência de uma pesquisa. Através dele, visualizamos a relação existente entre uma teoria subjacente, a metodologia, a definição do problema, as formas de coleta, o tipo de dado coletado e a relação entre os tipos de dado. Salientamos ainda a correlação existente entre a definição do problema de pesquisa e a metodologia, posto que cada tipo de problema de pesquisa vai exigir o emprego de um tipo de metodologia. (Por exemplo, se o problema de pesquisa refere-se a um índice, ou seja, se implica medidas quantificáveis, utiliza-se a metodologia quantitativa.) Mas esse não é um caminho de mão única, porque a escolha de uma metodologia também influencia a definição do problema, uma vez que toda a metodologia apresenta potencialidades, mas também limitações aos objetos de pesquisa.

Na maior parte das investigações na área da saúde, tem-se utilizado a metodologia quantitativa de pesquisa que é, em linhas gerais, consistente com os pressupostos das ciências biológicas. Partindo desta cadeia de referência, vamos explicitar, de forma bastante simplificada, alguns elementos encontrados nas metodologias qualitativas e nas quantitativas, principalmente no que se refere a sua utilização, a suas características, a técnicas mais comuns, a algumas potencialidades e a algumas limitações. Certamente, a comparação seguir não visa ser exaustiva e esperamos que os “pontos perdidos” pela simplifi-

ciação excessiva sejam compensados pela agilidade obtida na comparação dos dois tipos de métodos. Além do mais, observe-se que, quando estamos tratando de metodologia quantitativa de pesquisa, não estamos nos referindo a pesquisas laboratoriais, mas apenas àquelas que lidam diretamente com populações, para que se possam traçar comparações com a metodologia qualitativa, que é basicamente empregada a grupos humanos.

3.2 Métodos qualitativo e quantitativo de pesquisa em saúde

Utilização

Os métodos quantitativos de pesquisa são utilizados fundamentalmente para descrever uma variável quanto a sua tendência central ou dispersão – média, mediana, moda – ou dividi-la em categorias e descrever a sua freqüência – taxas e medidas de risco – em grandes populações. Já os métodos qualitativos de pesquisa não têm qualquer utilidade na mensuração de fenômenos em grandes grupos, sendo basicamente úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre. Assim sendo, eles permitem a observação de vários elementos simultaneamente em um pequeno grupo. Essa abordagem é capaz de propiciar um conhecimento aprofundado de um evento, possibilitando a explicação de comportamentos.

Características da amostragem

Os métodos quantitativos em estudos populacionais trabalham com técnicas de amostragem do tipo aleatória ou estratificada, baseando-se no pressuposto de que a investigação sobre um fenômeno em um número X de indivíduos representa uma totalidade definida. Essas técnicas são utilizadas em estudos do tipo *prevalência*, *caso-controle* ou de *coorte*.

Uma das principais características dos métodos qualitativos é o fato de que as pesquisas são formuladas para fornecerem uma visão de dentro do grupo pesquisado, uma visão *êtnica**. Trabalha-se com um elevado número de questões e, para que isso seja possível, busca-se estudar sempre um grupo pequeno de pessoas, o qual é escolhido de acordo com critérios previamente

* Para distinguir o modo de conhecimento do observador estranho, que é distinto do modo de conhecer do grupo pesquisado, são utilizados os termos lingüísticos fonético e fonêmico, eliminando o prefixo "fon". Assim, *étnico* é o conhecimento do observador, expresso em conceitos abstratos e gerais pertencentes a categorias teóricas. *Êmico*, pelo contrário, é o conhecimento próprio do indivíduo pertencente a uma cultura determinada, expresso na lógica interna do seu sistema de conhecimento.

definidos conforme os objetivos do estudo. Para que seja feita a escolha, é necessário um conhecimento prévio do contexto a ser investigado, o que é feito com a ajuda de uma série de técnicas de pesquisa dentro de uma orientação etnográfica. A coleta de dados depende do estabelecimento de uma relação entre o pesquisador e o pesquisado, sendo freqüente uma técnica de obtenção de informantes conhecida como *snowball*, pela qual cada novo informante indica novas pessoas para participarem da pesquisa. Considerando que são dados do tipo qualitativo, gerados a partir do registro detalhado de observações e entrevistas, torna-se difícil a utilização da estatística para analisar os dados. A análise dos dados assume as características de uma *interpretação* dos eventos pesquisados.

Técnicas principais

A técnica mais comum de coleta de dados nos métodos quantitativos é o questionário (do tipo *survey*), composto por questões fechadas, previamente estabelecidas. Para tratamento dos dados, utiliza a codificação das questões e uma análise estatística dos dados.

Como as questões fechadas e pré-codificadas não contribuem muito para o tipo de dado que se visa coletar nos métodos qualitativos, usam-se, na maior parte das vezes, observações (direta e/ou participante), entrevistas em profunda (formais, informais, com ou sem roteiro), entrevistas em grupo e construção de redes de relações. (Essas técnicas serão explicadas no capítulo VI).

Potencialidades

Uma das potencialidades distintivas das pesquisas quantitativas é a utilização de amostras de grande porte. Por uma série de operações matemáticas efetuadas dentro de um modelo estatístico, é possível generalizar os resultados da pesquisa para uma população muito maior. O interessante é que o processo de coleta de dados, embora envolva números muito grandes, pode, e é inclusivo recomendado, que seja realizado de forma bastante rápida, porque, uma vez elaborados os instrumentos para coleta de dados, o trabalho de aplicação de questionário é uma tarefa relativamente simples. O processamento dos dados também é rápido, na medida em que as perguntas dos questionários são fechadas e muitas vezes pré-codificadas. O que torna extremamente simplificado o processo de entrevistas e codificação de dados é o fato de que é possível recrutar entrevistadores e/ou codificadores especialmente para esse fim, sem necessidade de longos períodos de treinamento.*

* Obviamente, nesses casos, estamos nos referindo a pesquisas que contam com financiamento e possibilidade de contratação de pessoal para executar essas tarefas.

A metodologia qualitativa, pelo fato de trabalhar em profundidade, possibilidade que se compreenda a forma de vida das pessoas, não sendo apenas um inventário sobre a vida de um grupo. As técnicas utilizadas permitem, entre outras coisas, o registro do comportamento não verbal e o recebimento de informações não esperadas porque não seguem necessariamente um roteiro fechado, percebendo como bem-vindos os dados novos, não previstos anteriormente.

Limitações

Entre as limitações da metodologia quantitativa, encontra-se o fato de que, dadas as características dos *surveys*, é comum a obtenção de respostas superficiais e mesmo a possibilidade de mal-entendidos. Isso porque o tipo de contato entre o entrevistador e o entrevistado se dá de forma breve e por meio de questionários fechados, que não oferecem alternativas diferentes das previstas na construção do instrumento. (Uma forma de superar essa dificuldade é a elaboração de um projeto piloto que vise refinar os questionários, tornando-os tão adequados quanto possível). Além disso, supondo uma pesquisa que preveja a aplicação de questionários em um número muito expressivo de pessoas oriundas de diferentes camadas sócio-culturais, fica extremamente difícil obter-se um padrão único, que seja culturalmente apropriado aos vários segmentos.

Talvez uma das maiores limitações das pesquisas qualitativas seja o fato de que, ao exigir um trabalho detalhado, em profundidade, implique investimento de muito tempo. Além disso, a pesquisa qualitativa só pode ser desenvolvida por entrevistadores muito bem treinados, porque não se restringe à aplicação de questionários, mas depende da capacidade do pesquisador em campo. Por todos esses fatores, não é possível trabalhar com amostras grandes, sendo necessário restrinjir o N das pesquisas a um número bastante reduzido, o que impossibilita também as generalizações. Além de restrinjir-se a um número pequeno de pessoas e de não ser passível de generalizações, uma outra grande dificuldade encontra-se no treinamento dos pesquisadores, os quais não podem ser recrutados e treinados para esse fim específico, mas precisam ser treinados na metodologia qualitativa como um todo.

3.3 Métodos qualitativo e quantitativo: complementaridade

O que gostaríamos de evidenciar a partir das comparações anteriores é que os métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa são diferentes, porém não são excludentes porque, na verdade, colocam-se questões diversas, base-

adas em construções teórico-metodológicas com princípios diferenciados. Entretanto, essa diversidade tem sido utilizada de uma forma bastante eficiente em projetos de pesquisa que constroem mais de um objeto de pesquisa a partir de um mesmo tema, sendo um voltado ao conhecimento quantitativo e outro ao qualitativo, com finalidade de adicionar outras dimensões a um mesmo estudo. É possível, assim, trabalhar de forma complementar com as duas metodologias, no sentido de que os resultados de uma questão, colocada a partir de princípios teórico-metodológicos quantitativos, suscitem novas questões que só possam ser colocadas dentro de princípios qualitativos, ou vice-versa. Veremos a seguir alguns exemplos de complementariedade desses dois métodos:

a) do quantitativo ao qualitativo:

Uma pesquisa do tipo quantitativo, utilizando as técnicas tradicionais de amostragem e de tratamento de dados, realiza um levantamento da prevalência de uma doença em dada população e constata uma prevalência diferenciada entre diferentes grupos sócio-econômico-culturais, que compõem uma população maior. Uma pesquisa qualitativa complementar poderia tornar amostras menores de cada segmento identificado e pesquisar em profundidade questões do tipo: como se dá essa combinação de fatores sociais, econômicos e culturais que podem estar predispondo à disseminação da doença entre a população? Quais os fatores que podem estar protegendo alguns membros da população da doença? Até que ponto a doença é reconhecida como tal pela população?

Um exemplo prático deste tipo de abordagem foi a pesquisa realizada em 1998-1999 pelo NUPACS*, Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS em parceria com a Política Municipal de Controle de DST/Aids de Porto Alegre, que visa complementar um estudo epidemiológico que, a partir das estatísticas municipais de mortalidade por Aids, identificou as áreas de Porto Alegre mais atingidas pela doença. A pesquisa desenvolvida pelo NUPACS utiliza-se da metodologia qualitativa para investigar os fatores culturais que podem estar aumentando a vulnerabilidade daquela população, tendo em vista que possui características sócio-econômicas semelhantes às de outras zonas da cidade.

b) do qualitativo ao quantitativo:

Partindo de uma pesquisa qualitativa sobre hábitos culturais relacionados a higiene, alimentação, cuidados de saúde, ambiente doméstico, comportamen-

* A referida pesquisa, "Aids e Pobreza: Práticas Sexuais, Representações da Doença e Concepções de Risco em um Bairro de Porto Alegre", é coordenada por D. Knauth e C. Víctora e financiada pela FAPERGS.

tos sociais de um determinado grupo sócio-econômico, cultural ou étnico, pode-se supor que exista uma peculiaridade no grupo estudado. É possível, então, tomar algum desses aspectos e idealizar uma pesquisa quantitativa prevendo a freqüência de algum aspecto estudado na população maior.

Esse tipo de trajetória de complementariedade funciona como um sistema em que um estudo qualitativo gera hipóteses que serão confirmadas a partir de um estudo quantitativo em uma população muito maior. Nessa mesma direção, pode-se também realizar um estudo qualitativo com a finalidade de elaborar categorias e estruturar um questionário que será aplicado, e, nesse sentido, o estudo qualitativo funciona como um tipo de estudo piloto, com a finalidade de produzir um instrumento de pesquisa quantitativa que seja mais adequado, tanto em termos da linguagem a ser utilizada, quanto em termos da relevância das questões produzidas.

Ainda com relação à complementariedade, vale salientar que não há necessidade de que os projetos qualitativos e quantitativos que se complementam sejam elaborados pelo mesmo pesquisador ou pela mesma equipe de pesquisadores. Considerando que são projetos, cuja cadeia de referência descrita anteriormente difere, uma grande preocupação recai sobre o último ponto, que é a relação entre os dados, a qual deve ser cuidadosamente examinada, considerando os pressupostos de cada tipo de pesquisa. Assim sendo, para que a complementariedade se dê de forma mais consistente, o trabalho interdisciplinar é recomendável, ainda que não haja necessidade de que ambas as pesquisas sejam realizadas pela mesma equipe.

3.4 Métodos qualitativo e quantitativo: integração

É possível ainda aprofundar um pouco mais a relação entre as metodologias quantitativas e qualitativas, buscando não simplesmente uma complementaridade, mas uma integração de dados quantitativos e qualitativos, dentro de um mesmo projeto. Nesse caso, a interdisciplinaridade é fundamental e faz-se necessário que a cadeia de referência seja cuidadosamente explicitada.

Um exemplo desse tipo de abordagem pode ser visto em uma pesquisa desenvolvida pelo NUPACCS*, que, partindo de duas etnografias realizadas em vilas de favela em Porto Alegre, elaborou um Roteiro Etnográfico de Pes-

* A pesquisa referida intitula-se "Body, Sexuality and Reproduction: A Study of Social Representations", foi coordenada por Ondina F. Leal e financiada pela Organização Mundial da Saúde, Projeto 91378 BSDA Brasil, Special Programme of Research Development and Research Training in Human Reproduction.

quisa: um número de questões fechadas e um número maior de questões abertas que seriam exploradas em profundidade. O N da pesquisa foi 200, distribuídos em 50% de informantes masculinos e 50% femininos. A obtenção de dados foi fundamentalmente qualitativa, mas os processos de tipologização e de sistematização posteriores possibilitaram a quantificação e o tratamento estatístico dos dados. Esse processo culminou com a geração de gráficos de Análise Fatorial de Correspondência (AFC), os quais permitiram a visualização de correlações entre variáveis que não teriam sido possíveis caso a pesquisa tivesse se detido aos procedimentos mais comuns tanto da metodologia quantitativa, quanto da qualitativa. Esse procedimento será examinado mais detalhadamente no capítulo VIII.

3.5 *Rapid Assessment Procedures (RAP)*

Uma abordagem que tem sido utilizada de forma bastante eficiente nas pesquisas sobre saúde são os chamados RAP – Rapid Assessment Procedures – que consistem em um conjunto de procedimentos de orientação etnográfica e têm como vantagem obter informações básicas de forma mais ágil e num tempo muito menor do que o levado pelas abordagens mais tradicionais. A questão do tempo de realização de uma pesquisa qualitativa é relevante na medida em que, em se tratando de problemas de saúde e doença, muitas vezes é necessária uma investigação rápida que oriente um projeto, um planejamento ou que informe recomendações de saúde emergenciais. A utilização do RAP é recomendada também na forma de pesquisa piloto, porque possibilita a realização de levantamentos qualitativos de problemas que podem ser abordados quantitativamente em etapas posteriores.

A utilização do RAP, entretanto, requer também um treinamento que vai além do conhecimento das técnicas ou dos modelos de entrevista propostos nos manuais de RAP. Não raro, observam-se pesquisadores pouco experientes em pesquisa qualitativa que optaram pelo RAP como forma de coleta de dados exatamente pela aparente facilidade e agilidade que ele oferece, mas que têm muitas dificuldades em fases posteriores de pesquisa, principalmente no que se refere ao manejo de dados qualitativos e à interpretação dos mesmos.

3.6 Considerações finais

Tendo elaborado uma breve comparação entre as metodologias qualitativa e quantitativa, bem como apontado os trajetos possíveis de um tipo para outro, gostaríamos de retornar às questões da metodologia qualitativa e apresentar alguns exemplos de estudos possíveis de serem realizados que se enquadram dentro da especificidade de estudos qualitativos na área da saúde.

Sugestão de temas para estudos qualitativos relacionados à saúde:

- Estudo sobre a forma como os indivíduos representam a doença e o corpo para si próprios e sobre as especificidades que atribuem a essa representação em relação ao seu status social (profissão e classe social) ou gênero.
- Investigação das lógicas dos sistemas etiológicos-terapêuticos em determinadas situações. (Alguns estudos descrevem dois grupos de representações que operam lógicas distintas: num, a doença é considerada como uma entidade exterior que penetra no corpo do indivíduo, e a cura consiste no combate a esse inimigo; no outro, a doença não é vista como exterior ao doente, mas originária dele próprio, e a cura consiste numa atividade reguladora).
- Modelos epistemológicos açãonados para pensar a doença. (Estudos existentes sugerem a existência de 3 modelos: o modelo biomédico, que procede pelo isolamento das especificidades etiológicas para então combatê-las separadamente; o modelo psicológico, em que a etiologia é buscada no próprio indivíduo; e o modelo relacional, no qual a doença é pensada em termos de equilíbrio/desequilíbrio ou harmonia/desarmonia em relação ao “meio” ao qual o doente pertence).
- Investigação das representações sociais da doença em relação aos diferentes recursos de cura disponíveis na sociedade, ou seja, quais as representações açãonadas e atualizadas por esses diferentes sistemas de cura.

Nos exemplos acima, fica claro que a própria problemática de pesquisa está baseada em um pressuposto teórico enraizado nas Ciências Sociais e que, a partir desse, é que se opta pela metodologia qualitativa. Nesse sentido, vale ressaltar que a definição das técnicas de coleta e análise/interpretação, embora consista em pontos fundamentais de uma pesquisa, encontra-se subordinada à escolha do tema e à elaboração do objeto de pesquisa. O próximo capítulo vai aprofundar essas questões.

Bibliografia Comentada

HELMAN, C. "Fatores culturais em epidemiologia" *Cultura, Saúde e Doença*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Nesse capítulo, Helman discute como alguns fatores culturais podem afetar a epidemiologia de doenças em diferentes partes do mundo, seja por sua influência nas causas, no desenvolvimento de doenças ou na proteção contra problemas de saúde. Além de afetar diretamente a exposição a riscos para a saúde, a cultura de determinado povo pode, por exemplo, informar até mesmo os critérios diagnósticos, o que é revelado por estudos recentes sobre as interpretações dos médicos de sinais e sintomas de pacientes. A estrutura familiar, os papéis de gênero, os comportamentos sexuais, os hábitos na educação infantil, as alterações na imagem de corpo, as profissões, a religião, as estratégias de automedicação e terapias leigas estão entre uma série de fatores culturais analisados pelo autor como fatores fundamentais na produção ou proteção de problemas de saúde, certamente refletidos na epidemiologia de doenças nas diferentes culturas.

Bibliografia Referida

- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.C.; PASSERON, J.C. "La Construcción del Objeto". *El oficio de sociólogo*. 9 ed. México: Siglo XXI, 1986.
- _____. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Bertrand/Elsevier, 1989.
- GONÇALVES, H. *A visão do paciente: além da "adesão" ao tratamento da tuberculose*. Porto Alegre: PPGAS-UFRGS (Dissertação de Mestrado), 1998.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MINAYO, M. C. e SANCHES, O. "Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade?", *Cadernos de Saúde Pública* 9(3) julho-setembro 1993, p. 239-262.
- PELTO, P. e PELTO, G. *Anthropological Research – The Structure of Inquiry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SCRIMSHAW, S. e HURTADO, E. *Rapid Assessment Procedures for Nutrition and Primary Health Care*. The United Nations University, Tokio, UNICEF/United Nations Childrens Fund e UCLA/ Latin American Center Publications, Los Angeles, 1987.